

CONTRIBUTOS PARA A IMAGÉTICA DECORATIVA DOS RECIPIENTES CERÂMICOS DA IDADE DO FERRO DE TRÁS-OS-MONTES: ENTRE A MESETA E O LITORAL PORTUGUÊS. O CASO DO CRASTO DE PALHEIROS

Dulcineia Pinto

Arqueóloga

dcbpinto@sapo.pt

ABSTRACT

The Iron Age containers' representation includes all aspects related to containers; shapes, pastes, general aspect – surface treatments and color – and decoration. We intend here to make known, in a succinct way, the images and decorative aspect of the containers of the Crasto de Palheiros from the 9th century BC to the 2nd century AD. The decoration integrates the techniques and decorative organizations, the ways of making and the final results. We present the various decorative current that include comb and stamp decorated containers as well as other ways of decorating originated in local traditions.

Keywords: Iron Age, Material culture, stamped, combed

RESUMO

A imagética dos recipientes da Idade do Ferro engloba todos os aspetos relacionados com os vasos, incluindo formas, pastas, aspeto geral – tratamentos de superfície e cor – e decoração. Pretendemos aqui dar a conhecer, de um modo sucinto, a imagética dos recipientes do Crasto de Palheiros entre os séculos IX AC ao II DC, fixando-nos no seu aspeto decorativo. A decoração integra as técnicas e organizações decorativas, os modos de fazer e os resultados finais. Apresentamos as diversas correntes decorativas que englobam recipientes decorados a pente e a estampilha, bem como outros modos de decorar enraizados nas tradições locais.

Palavras chave: Cultura Material; Cerâmicas estampilhadas, Cerâmicas penteadas.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho constituiu-se como uma aproximação à imagética decorativa dos conjuntos cerâmicos da Idade do Ferro de Trás-os-Montes não pretendendo ser exaustivo pois apoia-se, exclusivamente, no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros, localizado em Murça. No entanto, urge uma síntese que permita uma primeira visão de conjunto, lançando hipóteses interpretativas, modos de compreensão e formas de entendimento sobre as decorações presentes nos inúmeros recipientes encontrados na ocupação do Crasto de Palheiros entre o início do I.º milénio a. C. e o início do Iº milénio d. C.

Nem sempre é tarefa fácil caracterizar a imagética decorativa para além da catalogação das organizações decorativas pois compreender a imagética exige a identificação de correntes estilísticas que agrupam essas mesmas organizações em conjuntos mais vastos de inspiração ou influência. Através da compreensão das correntes imagéticas (estilísticas) podemos perceber a importância das tradições nas comunidades ou peso conferido às inovações.

Esperamos que a nossa visão traga alguma clareza no entendimento do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros, tão vasto na sua totalidade que, com certeza, se configura como um indicador importante da realidade deste período em Trás-os-Montes.

2. RESENHA CRONOLÓGICA DO CRASTO DE PALHEIROS – FASEAMENTO

O Crasto de Palheiros está localizado em Murça, no distrito de Vila Real (fig. 1, n.º 1), tem vindo a ser estudado desde 1995 e alvo de várias publicações (Sanches 2008; Pinto 2012). A investigação arqueológica aponta duas fases de ocupação: I e II-III. A fase I ocupa, aproximadamente, o IIIº e o IIº milénio a. C. e corresponde à monumentalização do morro (Sanches: 2016). Segue-se uma interrupção na ocupação do local até 900/800 a. C. e por volta do início do I.º milénio a.C. o sítio volta a ser ocupado.

A ocupação correspondente à Idade do Bronze (fase II) deixou poucos vestígios estratigráficos, tal facto deve-se a dois fatores. Em primeiro lugar a ocupação posterior, que se iniciou por volta de 500 a. C. pode ter alterado, de modo significativo, os níveis que estariam relacionados com a ocupação do Bronze Final. De seguida, inferimos que a própria ocupação da Idade do Bronze se caracteriza pela impermanência devido a indicadores específicos do estado de conservação dos estratos (Pinto: 2012). Deste modo, os poucos vestígios desta ocupação devem-se tanto às destruições que sofreram posteriormente como ao modo de ocupação / vivência dos espaços que ocorreu nesta primeira fase inicial.

Foram identificados vestígios na área leste, nomeadamente na plataforma inferior leste (PIL) e na área norte, plataforma inferior norte (PIN) e talude externo norte (TEN) (fig. 1, n.º 2). A ocupação na PIL, caracteriza-se pela dispersão pois os estratos conotados com esta primeira ocupação encontram-se um pouco por toda a plataforma e sobre os níveis correspondentes à fase I (calcolítica). Aqui são identificados materiais arqueológicos de várias cronologias, nomeadamente calcolíticos e da Idade do Ferro. Ainda que a mistura de materiais seja uma permanência em quase todos os estratos (à exceção de alguns da fase I), na ocupação da Idade do Bronze torna-se problemática pois impede uma leitura clara do conjunto cerâmico que queremos melhor caracterizar.

A descrição aturada dos contextos foi realizada (Pinto: 2012) e podemos afirmar que os níveis ocupacionais correspondem quer a terras carbonizadas dissociadas de outras estruturas e, por vezes, estas terras de coloração escura confundem-se – misturando-se –, com terras argilosas de coloração vermelha. Por outro lado, foi identificado um murete pétreo que se relaciona com uma terra de cor negra com alguns carvões, bem como uma concentração dos mesmos, entendida como uma possível lareira. São, deste modo, resquícios de ocupação – lareiras, pisos, estratos de acumulação – que perderam parte daquilo que os caracterizava sendo entendidos, genericamente, como corrompidos (Pinto: 2012).

Na área norte (fig. 1, n.º 2), a ocupação ocorre no talude exterior e na plataforma inferior. Também aqui a ocupação se dispersa pelo talude externo (TEN), talude este revolvido na sua estrutura para albergar algumas, parcas, habitações. Tal como já referimos, a frugalidade dos estratos aponta para uma inconstância na ocupação que se refletirá diretamente nos conjuntos cerâmicos deste período. Na PIN foram identificados estratos melhor conservados localizados numa zona de acesso

a partir da entrada calcolítica do talude externo, zona esta que permanece ocupada intensamente durante a Idade do Ferro.

A ocupação da Idade do Ferro começa no séc. VI/V a. C. e foi identificada em quase todas as zonas escavadas – à exceção da plataforma superior – PEL – onde a unidade habitacional identificada se integra na fase de ocupação III-2. A ocupação da Idade do Ferro define-se, essencialmente, como doméstica. Na PIL a ocupação caracterizada por algumas unidades habitacionais definidas por anteparos pétreos subcirculares, pisos de argila e lareiras, estende-se por toda a plataforma, cobrindo a quebra do talude e integrando o próprio talude. O TEL sofre transformações pois a ocupação da Idade do Ferro exigiu a construção de uma zona aplanada (plataforma artificial) construída através da retirada de pedras e solos calcolíticos. Essa zona aplanada é sustentada por um muro simples – tipo anteparo pétreo – que irá conter os solos de ocupação do Talude. A ocupação é iniciada através de um rito que envolve a deposição de 3 recipientes de pasta e forma diferente (Pinto: 2012). Após esta deposição é iniciada a ocupação doméstica que se define pela provável construção de várias unidades habitacionais. Na área norte, a área habitacional estende-se desde a plataforma inferior norte – PIN – à plataforma integrada no talude exterior norte – TEN. Também aqui o alteamento do talude calcolítico é anulado pois as unidades habitacionais dissimularam a sua presença já que algumas se lhe encostaram e outras estenderam-se quer pelo talude quer pela plataforma. A zona da plataforma possui várias áreas, umas mais recuadas e outras mais próximas do início do talude sendo que defendemos uma ocupação espacial contínua.

Por volta de 300/200 AC (fase III-2) dão-se algumas transformações arquitetónicas, na PIL (fig. 1, n.º 2) a construção de um muro de pequenas dimensões que segue o alinhamento da muralha calcolítica e na área norte, expande-se a ocupação à zona leste, atrás de um grande penedo e, por último, na plataforma superior – PEL – encontra-se também uma unidade habitacional. O muro na PIL divide e restringe o espaço criando um recinto intramuros e uma área externa extramuros. As duas áreas comunicam entre si através de uma entrada em pedra seca. No interior do recinto encontram-se várias unidades habitacionais, uma estrutura circular de planta em hélice e uma área habitacional diversificada, e no exterior não podemos afirmar a existência de unidades habitacionais pois tal área não foi ainda objeto de intervenções. Na zona norte foram igualmente identificadas várias unidades habitacionais.

Um incêndio ocorrido em cerca de 80 DC destruiu as unidades habitacionais de todas as zonas escavadas – PSL, PIL, TEL, PIN e TEN (fig. 1, n.º 2). Após o incêndio os espaços são remodelados através da reestruturação das muralhas. Contudo a ocupação ocorrida após o incêndio é de curta duração e deixa poucos ou nenhuns vestígios, para além das muralhas reconstruídas. Assim, entre 80 e 120 DC (fase III-3) as muralhas na PIL e PIN foram alteadas e espessadas. As zonas habitacionais viram-se reduzidas às áreas intramuros, pois tanto no TEL como no TEN não existem vestígios de ocupação e ambos os taludes mostram sinais de terem sido reconstruídos – pedras foram recolocadas para que estes se articulassem com as muralhas. As unidades habitacionais a existirem – pois não foram identificadas – são semelhantes àquelas construídas durante toda a ocupação da Idade do Ferro pois não existe petrificação das cabanas.

Concluindo, a ocupação da Idade do Ferro termina com um abandono do local após se terem remodelado as muralhas e reduzido drasticamente o espaço habitado. Os conjuntos cerâmicos desta última fase ocupacional revelam degradação e disrupção fruto dos contextos degradados e próximos do solo humoso. Os milénios de erosão que lhe seguiram destruíram, com certeza, parte dos vestígios e dificultam hoje a leitura dos conjuntos cerâmicos.

3. O COMPORTAMENTO DAS DECORAÇÕES. VISÃO GERAL.

3.1. Fase II

A ocupação do Crasto de Palheiros, correspondente à Idade do Ferro fixa-se, com a ajuda de datas de C14, entre os séc. VI/V AC e o II DC, tal como descrito na bibliografia já publicada (Sanchez: 2008). Contudo, defendemos existir uma ocupação anterior, cujo início pode ter ocorrido entre o séc. X/IX AC e que denominamos de Bronze Final (Pinto: 2012; vol. 1, pp. 505). Esta designação prende-se com a falta de caracterização de ocupações dos primeiros séculos do I.º milénio AC na região do nordeste transmontano, assim como no Crasto de Palheiros.

Este sítio pode configurar-se como um exemplo ocupacional ocorrido entre 900/800-500 AC, que é identificado pelo seu carácter espacial e temporalmente descontínuo, disperso e de difícil caracterização na cultura material (Pinto: 2012; vol. 1, pp. 505).

Na área norte os vestígios distribuem-se pela plataforma e talude. No talude a ocupação regista-se de forma pontuada e dispersa através de intrusões ou perfurações nos níveis prévios, apresentando-se ainda, e por sua vez revolvida por ocupações posteriores. Na plataforma inferior norte, os níveis de ocupação apresentam-se mais perenes e revelam alguma continuidade com a ocupação da Idade do Ferro.

Na área leste (plataforma e talude), não se identificaram níveis de ocupação da Idade do Bronze. Contudo os estratos que se sobrepõem diretamente à ocupação calcolítica integram alguns recipientes que conotamos com este período. A figura 2 é maioritariamente composta por fragmentos cerâmicos presentes num estrato conotado com a Idade do Bronze (Pinto: 2012) ainda que não datado por C14 (fig. 2, n.º 1, 3-9). Os restantes fragmentos pertencem a estratos de revolvimentos no talude externo norte (fig. 2, n.º 10-12), plataforma inferior norte (fig. 2, n.º 13) e na plataforma inferior leste (fig. 2, n.º 2) cuja cronologia não podemos determinar.

Com base neste conjunto de materiais cerâmicos, enumeramos de seguida as principais características decorativas desta fase que atribuímos à Idade do Bronze.

– Uma apetência pela *decoreção incisa no colo de recipientes de perfil em “S”* – traços simples perpendiculares ao bordo realizados por incisão simples / rasgada (fig. 2, n.º 3), brunida (fig. 2, n.º 2) ou espatulada – que se perpetuará na ocupação da Idade do Ferro com esta mesma técnica (fig. 3, n.º 3) ou outras, como o cepilhado (fig. 3, n.º 2); no caso do recipiente de decorção brunida presente na PIL, num contexto de inicial da Idade do Ferro (Lx. 107) (fig. 2, n.º 2), o instrumento de incisão de ponta arredondada foi utilizado em vai-vem criando um traço de profundidade média, com brilho (brunido); a simplicidade do bordo, a depuração da pasta, a sua cor vermelho-clara e a decorção brunida, levaram-nos a incluir este fragmento numa ocupação anterior à da Idade do Ferro.

– Uma preferência por *decoreções incisadas / rasgadas em forma de espiga* que vão ser aplicadas em diversos tipos de recipientes; podemos observar este tipo de motivo decorativo num recipiente bicónico (fig. 2, n.º 1) – onde a espiga é desenhada na carena e fazendo corpo com a asa –, e em recipientes globulares¹, no topo do bordo / lábio (fig. 2, n.º 5), ou na parede do mesmo (fig. 2, n.º 11); este motivo decorativo permanece na Idade do Ferro (fig. 3, n.º 6 e fig. 4, n.º 7) ligeiramente modificado no traçado e na conjugação com outras técnicas, como o estampilhado, (fig. 7, n.º 6 e 7); contudo não corre no mesmo tipo de recipientes (recipientes bicónicos e globulares) e não tem, aparentemente, o mesmo peso relativo; clarificando, num conjunto de cerca de 1000 de fragmentos

¹ Recipientes globulares de bordo de bordo reto e esvasado são comuns na Meseta Norte e denominados por forma 1 e 3 por Esparza Arroyo (Arroyo: 1986; 298)

cerâmicos que incluímos na Idade do Bronze, encontram-se somente três com decoração em espiga e, nos trinta mil fragmentos da Idade do Ferro, ocorrem igualmente três; deste modo, este motivo é relevante durante a Idade do Bronze e, ainda que perdure durante a Idade do Ferro, a sua frequência é relativizada pela presença de outras decorações com maior visibilidade (estatística e impacto visual).

– Presença de *decorações plásticas com cordões e mamilos de formas muito bem definidas*, ou seja, cordões de secção aproximadamente triangular (fig. 2, n.º 6) e mamilos de forma piramidal (fig. 2, n.º 9); as decorações plásticas, nomeadamente cordões e mamilos, embora ocorram também na Idade do Ferro, o seu desenho é diferente – mamilos ovais e alongados (fig. 3, n.º 4), cordões de secção circular (fig. 5, n.º 1) – e encontram-se conjugados com outras técnicas decorativas, como a incisão (fig. 5, n.º 1) e a estampilha (fig. 7, n.º 2); a fila de mamilos piramidais (fig. 2, n.º 9) revela semelhanças formais com os rebites metálicos dos caldeiros metálicos também presentes em Crasto de Palheiros na Idade do Ferro; os caldeiros metálicos remetem para o mundo da Idade do Bronze, donde são originários, prolongando-se a sua utilização durante a Idade do Ferro (Pinto: 2008); cremos que a mimetização dos rebites em recipientes cerâmicos revela, por um lado, a familiaridade com caldeiros metálicos e/ou este tipo de rebites noutros artefactos já desde a Idade do Bronze; por outro, a efetiva transformação de um objeto funcional (rebite) em metal num motivo decorativo em cerâmica. A transferência de motivos decorativos dos objetos metálicos para objetos cerâmicos é relativamente usual na Idade do Ferro, como podemos observar nos recipientes estampilhados, contudo aqui encontra-se também uma transmutação entre um “objeto funcional” – rebite metálico – num rebite falso meramente decorativo.

– Presença de *linhas espatuladas paralelas ao bordo* (mais ou menos próximas deste) conjugadas, ou não, com outros motivos decorativos (fig. 2, n.º 4 e 8); muito embora esta decoração não seja exclusiva de ocupações da Idade do Bronze, encontra-se representada nos contextos mais seguros da área norte e integra-se perfeitamente na imagética dos recipientes decorados da Idade do Bronze de outros locais, tais como o povoado de Bouça do Frade (Oliveira Jorge: 1988), Cimalha (Almeida & Fernandes: 2008) e Castro de Torroso – Pontevedra (Peña Santos: 1987-88, 34); estas decorações espatuladas de motivos metopados, presentes no colo e pança dos recipientes (fig. 3, n.º 1), é aceite na Idade do Ferro como fazendo parte da imagética global deste período cronológico-cultural e que defendemos possuir relevância; como poderemos ver, mais tarde, na fundação de uma nova área habitacional, na plataforma do talude leste, é usado precisamente um recipiente carregando forte imagética da Idade do Bronze na forma, na decoração e na pasta utilizada (fig. 3, n.º 1; fig.8, n.º 1) (Pinto: 2012; vol. 1, pp. 513); deste modo, podemos depreender que alguma da imagética da Idade do Bronze permanece claramente durante a Idade do Ferro, a par de outras decorações de carácter inovador.

– O gosto por decorações cepilhadas que surgem na Idade do Bronze e perduram sob diversas organizações decorativas na Idade do Ferro; o reduzido número de fragmentos com decoração cepilhada não permite uma perceção correta deste tipo de decorações, no entanto é importante referir a utilização de pentes de muitas puas que são utilizados em diversas fases de secagem do recipiente; assim, para a obtenção de cepilhados, os pentes são utilizados com a pasta relativamente mole e para a obtenção de grafitados (fig. 2, n.º 12), os pentes são utilizados com a pasta seca; defendemos que este tipo de decoração se encontra bastante enraizado porque a técnica em si é utilizada de diversas formas e isso revela uma boa compreensão das suas possibilidades técnicas nas diferentes cadeias operatórias mencionadas;

– Uma preferência por organizações decorativas que incluam filas de triângulos que, por sua vez, podem formar ziguezagues ou losangos; este tipo de padrão decorativo ocorre noutros sítios com ocupações da Idade do Bronze, sendo conhecido como o “tipo Baiões”. A sua presença revela um gosto por este tipo de organização, que tenderá a perder-se, nesta forma específica, durante a Idade do Ferro e a transformar-se em algo diferente (fig. 4, n.º 18); Devemos acrescentar que o recipiente decorado com triângulos, e semelhante ao “tipo Baiões” (fig. 2, n.º 12 e fig. 8, n.º 3), se destaca (i) em termos formais – pois os triângulos criam uma fila coesa em que alguns estão mesmo colados omitindo um dos vértices (fig. 2, n.º 12), e, (ii) em termos técnicos – já que os mesmos triângulos são desenhados (delimitados) por linha incisa realizada com a pasta mole, ou em ponto de couro, e o seu interior é cepilhado já com a pasta seca; a presença de diversas fases de elaboração de uma organização decorativa revela um investimento acrescido nessa mesma decoração, ou seja, expressa planeamento, mais tempo despendido, compreensão das fases de secagem e da antevisão do resultado final; no Crasto de Palheiros, nesta primeira fase de ocupação, é revelado um investimento nos recipientes decorados que se declara na sua delicadeza (bordos decorados ou dentados, fig. 2, n.º 5 e 10).

– Por último, a presença de um recipiente com decoração de tipo Cogotas (fig. 2, n.º 13; fig. 8, n.º 2), embora num contexto da Idade do Ferro, poderá relacionar-se com a ocupação da Idade do Bronze da área norte (onde se identificaram vários outros recipientes conotados com a Idade do Bronze), e/ou apontar para uma manipulação tardia de alguns destes vasos.

– Uma preferência por decorações que ocorrem no bordo / lábio (fig. 2, n.º 5 e 10), no colo (fig. 2, n.º 2, 3 e 12) e na linha da carena ou no diâmetro máximo da pança (fig. 2, n.º 1 e 9), e dando, nas formas, já uma certa primazia aos recipientes de perfil em “S”.

3.2. Fase III-1

A fase de ocupação do Crasto de Palheiros denominada de III-1 corresponde ao período cronológico compreendido entre os séc. VI/V e o IV/III AC, já descrito (Pinto: 2012). As decorações presentes em níveis ocupacionais da fase III-1 encontram-se nas figuras 3, 6 e 7 sendo que nestas últimas revelam-se as decorações penteadas e estampilhadas, respetivamente.

Com base no conjunto de materiais cerâmicos estudados (Pinto: 2012) defendemos a presença de três correntes principais que norteiam a imagética decorativa da Idade do Ferro e que permanecem em toda a ocupação.

Uma tradição imagética que vem da Idade do Bronze que se divide sob vários aspetos que passamos a argumentar.

Um gosto estético por *recipientes com decorações no colo* (fig. 3, n.º 1, 2 e 3) realizadas através de diferentes técnicas decorativas – inciso profundo e largo (fig. 3, n.º 1), cepilhado (fig. 3, n.º 2) e espatulado (fig. 3, n.º 3) – excluindo sempre a estampilha.

Os vasos de perfil em “S” decorados com estampilhas não apresentam, em nenhuma fase de ocupação, decoração no colo. Deste modo, a opção por recipientes de perfil em “S” decorados no colo alia-se sempre a técnicas decorativas como a incisão (mais ou menos profunda) e o cepilhado.

Sustentamos que, este gosto estético relaciona-se com o mundo da Idade do Bronze, onde as decorações, no colo dos recipientes, se encontram muito presentes, nomeadamente através de padrões metopados (fig. 3, n.º 1).

Este tipo de decoração apropria-se da forma do recipiente, realçando o colo e outros elementos como asas (fig. 3, n.º 1 – é de notar a decoração realizada em volta da asa). A combinação da deco-

ração com a forma, encontra-se também presente nos artefactos metálicos revelando-se aí como uma característica da Idade do Ferro regional (Pinto: 2008). Assim, este modo unitário de olhar os objetos (forma e decoração) é interpretado por nós, como um gosto cultural da Idade do Ferro transversal a toda a cultura material.

A imagética tradicional é igualmente reforçada por decorações incisas que apresentam vários motivos isolados ou padrões decorativos que se relacionam com a pré-história: *i*) espigas (fig. 3, n.º 5 e 6); *ii*) linhas paralelas ao bordo (fig. 3, n.º 10); *iii*) bandas de reticulado oblíquo. Estes motivos ocorrem nos bordos (fig. 3, n.º 5) e na pança de recipientes, sendo alguns globulares (fig. 3, n.º 6, 9 e 10). A presença de bordos dentados (fig. 3, n.º 7), decorações cepilhadas (fig. 3, n.º 8) e decorações plásticas (fig. 3, n.º 4) não se constituí como uma novidade ainda que formalmente as decorações apresentem variantes em relação às anteriores que conotamos com a Idade do Bronze. Assim, as decorações incisas, plásticas e cepilhadas mantêm um padrão decorativo que interpretamos como tradicional.

Na estética decorativa dos recipientes cerâmicos da Idade do Ferro, a grande inovação é a decoração estampilhada que marca este período. No Crasto de Palheiros, esta corrente estética convive com outras e em determinadas zonas do povoado é subalternizada, como é o caso da área norte. Podemos constatar, nesta fase de ocupação, uma presença importante de recipientes estampilhados na plataforma inferior leste (50 % dos recipientes decorados) e no talude externo leste (27 %), ainda que na área norte não ocorram. A área leste do povoado (PIL e TEL), quiçá devido a uma melhor exposição solar revela um maior acondicionamento de cereais sendo interpretada esta como privilegiada socialmente (Sanches: 2016) em relação à área norte. Esta afirmação coincide com um conjunto cerâmico mais exuberante onde a quantidade de recipientes estampilhados é maior, bem como certos tipos formais² (Pinto: 2012). Assim, os recipientes estampilhados marcam, pelo seu carácter de inovação, o conjunto cerâmico e destacam-se (estatisticamente) em áreas do povoado que, defendemos, de maior importância.

Por último, o conjunto cerâmico é marcado pelos recipientes decorados a pente que configuram uma característica importante da cultura material dos povos da Idade do Ferro, do norte peninsular. Podemos afirmar que se dá uma presença por todo o povoado de recipientes decorados penteados (ocupam na PIL, 17 % dos recipientes decorados; 7 % no TEL e 26 % na área norte), ainda que seja de menor visibilidade que os recipientes estampilhados (fig. 6, n.º 1 a 5). A área norte é a zona do povoado com maior expressão dos recipientes penteados, apresentando um conjunto cerâmico mais arcaico ao nível das formas, pastas e decorações (Pinto: 2012).

Os recipientes penteados da Idade do Ferro são um elemento identitário das comunidades do norte da Meseta, no entanto, esta imagem surge, no Crasto de Palheiros na ocupação calcolítica. A decoração não deve ser considerada uma inovação porque as comunidades da Idade do Ferro conhecem os gostos estéticos do seu Passado.

A comunidade da Idade do Ferro que funda o povoado no Crasto de Palheiros entra em contacto com uma realidade fragmentária do passado, onde as cerâmicas penteadas se encontram. Esta comunidade conhece e reconhece os recipientes penteados como algo identitário que confirma e reafirma o seu Passado e por isso estes incluem-se na sua tradição estética.

Deste modo, a presença de decorações penteadas reforça uma imagética tradicional, de cariz pré-histórico, que é visível, de modo mais notório na área norte, na proporcionalidade das pastas

2 Recipientes de pequeno tamanho de forma 8b, que cremos serem servidos para o consumo individual de bebidas.

(predominância das pastas I, III, VII e X – Pinto: 2012, vol. 2, 94-131) e nos tipos formais (presença de formas globulares, troncocônicas, perfis em “S” altas e carenadas).

3.3. Fase III-2

A fase de ocupação do Crasto de Palheiros, denominada de III-2, diz respeito ao período cronológico compreendido entre os séc. IV/III AC a I BC, correspondendo ao período de maior pujança do povoado. Esta força, é visível através de níveis estratigráficos mais potentes que se sobrepõem aos mais antigos, mais finos, pior conservados e parcialmente corrompidos. O conjunto cerâmico da fase III-2 é aquele que revela maior número de fragmentos, distinguindo-se quer da fase anterior quer da posterior (*i.e* na plataforma inferior leste, na fase III-1 contabilizam-se 1167 fragmentos, na fase III-2, 3929 e na fase III-3, 2054). Esta diferença numérica, entre o conjunto cerâmico da fase III-1 e o da III-2, influencia, diretamente, a nossa perceção da imagética do conjunto cerâmico. Significa que, os conjuntos cerâmicos da fase III-1 e da fase III-3 parecerão sempre mais “pobres”, do que aquele da fase III-2 já que o número de recipientes decorados é muito inferior. Contudo, reconhecida esta vicissitude do conjunto cerâmico da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros – que é também aquela que encontramos quando comparado o conjunto da Idade do Bronze com o da Idade do Ferro – propomos as seguintes hipóteses interpretativas, relativamente à imagética decorativa desta fase.

Durante a fase III-2, observamos maior diversidade decorativa expressando-se em esquemas decorativos que utilizam um número superior de instrumentos na decoração de um recipiente. Na Plataforma inferior leste, o número de instrumentos decorativos duplica, face à fase III-1 e no talude externo leste dá-se, igualmente, o mesmo fenómeno – surgem 4 tipos de pentes, um instrumento de incisão diferente e 3 carimbos distintos de círculos concêntricos – mas sem que ocorra um aumento significativo do número de decorações presentes (15 na fase III-1 e 19 na fase III-2)³. Cada zona, apresenta particularidades que podem estar relacionadas com a área reduzida de escavação (*i.e.* no talude externo leste) ou com a perda geral de materiais cerâmicos, ao longo de dois milénios de vivência / erosão do povoado. A ausência do pente de tipo 3 (Pinto: 2012, vol. 2, 66) no TEL (o dos cepilhados) ou a ausência de decorações brunidas e excisas na PIL durante a fase III-2, apenas nos remetem para uma ausência geográfica dentro do povoado, pois estas técnicas ocorrem na área norte durante a fase III-2 e desse modo fazem parte do corpo técnico da Idade do Ferro. Neste trabalho apresentamos sobretudo as linhas gerais da imagética pois as particularidades foram tratadas na nossa tese de doutoramento (Pinto: 2012). Deste modo, podemos dizer que na fase III-2 regista-se um aumento nas técnicas (instrumentos) decorativas que são utilizadas em maior número em cada um dos recipientes decorados. Igualmente, as decorações espatuladas ganham maior visibilidade (fig. 4, n.º 6, 12, 14, 15 e 18)⁴ – incisões realizadas com um instrumento de tipo 2 (Pinto:2012, vol. 2, 65), de ponta redonda que produz uma incisão suave – quer porque ocorrem em maior número, quer porque ocorrem em diversas organizações decorativas. É possível intuir, um apuramento dos instrumentos decorativos que se revela na presença de inúmeros carimbos artificiais utilizados nas decorações estampilhadas, em instrumentos de incisão de ponta cuidada e redonda e em pentes do mesmo género. Tais instrumentos exigiriam uma manufatura cuidada e pensada para a utilização final.

3 O talude externo leste é uma zona privilegiada para o entendimento estatístico do conjunto cerâmico pois o número de fragmentos apenas duplica da fase III-1 para a III-2 (1599 fragmentos na fase III-1 e 3072 na fase III-2) e o número de recipientes decorados é semelhante. Deste modo, as comparações entre os conjuntos são mais seguras ainda que a área de escavação tenha sido francamente mais reduzida do que nas restantes zonas do povoado.

4 Algumas decorações podem ser consideradas acaneladas como as da fig. 4, n.º 12 e 14. A canelura é uma forma mais expressiva do espatulado pois este pode ser mais suave e indelével.

Em relação às organizações decorativas, podemos dizer que durante a fase III-2 ocorre uma maior diversidade na plataforma inferior leste e na área norte ainda que no talude exterior leste. Neste ocorre uma diminuição significativa das organizações decorativas, ou seja, algumas das organizações, até usuais, que se identificaram na fase III-1 – cepilhados, reticulado oblíquo, espigas e decorações plásticas – não foram identificadas na III-2. No entanto, estas organizações continuam a ocorrer nas outras zonas do povoado e por isso continuam a fazer parte da imagética geral.

É importante compreender o processo evolutivo das três correntes imagéticas do conjunto cerâmico da Idade Ferro. Em primeiro lugar, podemos observar que os recipientes penteados e estampilhados (fig. 8, n.º 5 e 6, do TEL), ocupam cerca de 40 % do total dos recipientes decorados. O TEL é a zona com maior quantidade de recipientes estampilhados – 21 % – seguida da PIL – 19 % – e da área norte – 9 %. Em todas as zonas as quantidades de recipientes decorados penteados é semelhante, 19 % na PIL, 21 % no TEL e 17 % na área norte (Pinto: 2012; vol.1, 526). Os restantes 60 % de recipientes decorados integram-se na corrente imagética tradicional, com uma origem na Idade do Bronze e Pré-história regional onde as incisões quer simples quer espatuladas são a maioria.

Nesta corrente tradicional encontram-se: *i*) linhas incisivas retas paralelas ao bordo – I – (fig. 4, n.º 13) que ocorrem no bordo, no colo, na linha colo/pança e na pança dos recipientes; *ii*) linhas espatuladas (fig. 4, n.º 15) ou brunidas (fig. 4, n.º 9) de localização específica no colo; *iii*) banda de triângulos horizontal (ou losangos) que pode apresentar-se evoluída com uma delimitação a linha incisiva e um preenchimento a penteado (fig. 4, n.º 3); *iv*) cepilhados sem padrão identificado quer em zonas concavas quer convexas do recipiente (fig. 4, n.º 19 e 20); *v*) motivo de espiga realizado por excisão no interior do recipiente e no bordo (fig. 4, n.º 7); *vi*) linhas espatuladas (por vezes acaneladas) que sobressaem na linha colo / pança (fig. 4, n.º 12 e 14); *vii*) decorações plásticas como mamilos e cordões simples (fig. 4, n.º 11); *viii*) bordos dentados (fig. 4, n.º 16) e *ix*) bandas de traços oblíquos (fig. 4, n.º 5).

Dentro desta tradição, surgem organizações decorativas novas, como é o caso de um recipiente na PIL, que apresenta uma decoração complexa (Pinto: 2012: vol. 2, 88; organização decorativa XIII) agregando motivos conhecidos – um reticulado oblíquo e triângulos preenchidos com linhas convergentes – que quando usados separadamente integram outras organizações decorativas, V e XXIX, respetivamente (fig. 4, n.º 18). O recipiente mais semelhante a este que conhecemos encontra-se em Castromao (Rey Castiñeira: 2014) onde se pode observar um colo estrangulado decorado com linhas espatuladas verticais, seguidas de uma banda de reticulado oblíquo na linha colo pança à qual se segue um conjunto de triângulos. A grande particularidade decorativa destes recipientes encontra-se nestes triângulos que se desfazem até quase se converterem em bandas (Rey Castiñeira: 2014, 296), característica estética que pode ter origem numa banda de triângulos de proporções normais que a seu tempo se transformaram, alongando-se e assemelhando-se a bandas.

Ou ainda, o caso de recipientes na plataforma inferior norte (fig. 4, n.º 6 e 10), que apresentam uma faixa espatulada abaixo da linha colo / pança (algo muito pouco usual) ou que conjugam uma forma troncocónica com uma decoração no bordo. Este último, acreditamos revelar um afastamento das decorações da Idade do Bronze, de cariz mais tradicional (por exemplo Cimalha), devido à conjugação do tipo de bordo, localização e extensão da decoração, pasta e forma do recipiente.

Como já tivemos oportunidade de referir (Sanches & Pinto: 2018) as pastas VI e VIII marcam uma inovação tecnológica da Idade do Ferro, relativamente à manufatura de pastas cerâmicas, contudo, não existe uma associação evidente entre estes tipos de pastas e decorações específicas da Idade do Ferro, como é o caso das estampilhadas. Observamos, no TEL, que as organizações

decorativas presentes nas pastas VI e VIII são faixas de linhas incisas (Pinto: 2012; organização decorativa I) ou oblíquas (IV) paralelas ao bordo e estampilhadas (XXXIV) sendo a primeira, claramente maioritária. Nas outras zonas do povoado esta dissociação também ocorre, pois, as pastas tradicionais (pastas I e III) são as, maioritariamente, escolhidas para a manufatura de recipientes decorados.

Deste modo, podemos concluir que a corrente imagética tradicional possui um peso importante, no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros durante toda a ocupação da Idade do Ferro, destacando-se também nesta fase de maior pujança do povoado.

3.4. Fase III-3

A fase de ocupação do Crasto de Palheiros denominada de III-3 diz respeito ao período cronológico compreendido entre os séc. I a II BC e corresponde a uma curta ocupação, de níveis estratigráficos muito finos ou muito corrompidos pelos processivos erosivos. Deste modo, o conjunto cerâmico revela um reduzido número de fragmentos, cerca de 6 mil fragmentos no total da área escavada. Como já referimos, estas diferenças numéricas, influenciam a nossa perceção da imagética do conjunto cerâmico pois fazem oscilar de um modo aleatório a variedade das decorações presentes. Contudo, novamente, reconhecida esta vicissitude do conjunto cerâmico da Idade do Ferro, do Crasto de Palheiros propomos as seguintes hipóteses interpretativas relativamente à imagética decorativa desta fase.

Em primeiro lugar devemos referir que a utilização do torno na manufatura de recipientes foi residual, em todas as fases de ocupação, ainda que tornetes tenham sido utilizados para a concretização de linhas incisas que se destacam pela sua uniformidade. Este tipo de técnica decorativa (incisão a torno) foi utilizado na fase III-3, em conjugação com outras técnicas, como a decoração plástica (fig. 5, n.º 1) e a incisão simples (fig. 5, n.º 13). Na PIL, nesta fase, foram identificadas 4 técnicas decorativas: incisão simples e a torno, penteado e decoração plástica. No TEL, ocorrem penteados e incisões simples e na área norte está presente uma maior diversidade de técnicas decorativas bem como de organizações (incisão simples e a torno, penteado e impressão da ponta do pente, estampilhado simples – fig. 5, n.º 4 – e rolado – fig. 5, n.º 2 –, decoração plástica e excisão).

Seguidamente, em relação às organizações decorativas é visível uma menor diversidade, (fig. 5) com uma forte presença, das decorações incisas que se integram genericamente numa tradição local. Podemos observar linhas incisas no colo, da superfície externa (fig. 5, n.º 5) e interna (fig. 5, n.º 6), na linha colo/pança (fig. 5, n.º 13) e na pança (fig. 5, n.º 7). Podemos ver conjugações de linhas incisas mais complexas (fig. 5, n.º 3), linha incisa seguida de uma banda de penteado (fig. 5, n.º 9) ou mesmo um padrão que imita genericamente uma banda penteada (fig. 5, n.º 12). As imitações de bandas penteadas, desenhadas através de incisões não são incomuns e ocorrem a par dos penteados, não se configuram como uma sucessão dos penteados mas sim como uma forma alternativa de construir bandas decorativas.

Concluimos que, nesta última fase, continuam visíveis as 3 correntes da imagética dos recipientes cerâmicos da Idade do Ferro, com a predominância da tradição local onde as incisões e as decorações plásticas possuem maior relevância. É de notar que um dos recipientes (fig. 5, n.º 13) apresenta uma composição tradicional – uma banda de linhas incisas seguida de um reticulado oblíquo – contudo, a sua execução revela uma manufatura tardia. O recipiente foi realizado a torno, a decoração foi executada com dois instrumentos de incisão; *i*) um instrumento de ponta redonda que desenhou as linhas paralelas ao bordo auxiliado pela rotação do torno e *ii*) um instrumento de ponta fina e afiada que desenhou o reticulado oblíquo. Apesar da organização decorativa ser sobejamente

conhecida, o recipiente revela um estilo diferente dos até agora analisados. Defendemos que este recipiente se integra num mundo de transição onde a influência romana se faz sentir, sendo provavelmente um vaso fruto de intercâmbio.

Por outro lado, continuam presentes recipientes penteados, de fundo reto (fig. 6, n.º 23 e 24), revelando uma adaptação desta técnica decorativa a recipientes de perfil em “S” e fundo plano e uma perduração até ao final da ocupação. Continuamos a observar a utilização da impressão da ponta do pente, desta vez, presente num esquema bastante barroco (fig. 5, n.º 8) incomum na imagética do conjunto cerâmico da Idade do Ferro. É possível que o aumento do conhecimento técnico, bem como das potencialidades imagéticas das organizações decorativas tenha conduzido a propostas mais barroquizantes, no final da ocupação. Tal pode ser observado nos poucos fragmentos estampilhados (fig. 7, n.º 14 e 16) que revelam complexidade decorativa quer no número de motivos, quer na sua conjugação. No entanto, o número reduzido de recipientes decorados, bem como o menor tamanho do conjunto cerâmico relativamente à fase III-2 não permitem uma conclusão derradeira sobre tal hipótese interpretativa.

3.5. Penteados

O penteado, como técnica decorativa é a ação de riscar a superfície de modo contínuo usando um “pente” que apresenta quer um número variável de puas quer uma forma variável das mesmas. O pente pode ser construído, em diversos materiais onde se incluem fibras vegetais, madeira ou osso. A forma e o material de que é feito define o desenho do penteado, contudo o momento de secagem do recipiente também interfere no resultado final.

No Crasto de Palheiros, na possível ocupação da Idade do Bronze Final foi identificado um tipo de pente (o pente 3 – Pinto: 2012; vol. 2, 66) e na ocupação da Idade do Ferro foram identificados 9 tipos de pente, que por sua vez, variam no material, forma e número de puas. O pente 3, identificado desde o início da fase ocupacional mais tardia do Crasto de Palheiros correspondente a uma possível ocupação da Idade do Bronze (fig. 2, n.º 7), foi utilizado maioritariamente em cepilhados e é uma espécie de pequena “vassoura”. As pontas do pente são afiadas e cortantes, variando no tamanho, espessura e comprimento criando sulcos de profundidade incerta consoante o grau de secagem do recipiente e a força aplicada no pente. Geralmente, o número de puas do pente 3 não é quantificável, no entanto alguns exemplares revelam um número de puas reduzido de 4 a 9. Não podemos precisar que organizações decorativas ocorrem neste período, contudo cremos que este tipo de pente era utilizado maioritariamente em organizações decorativas algo caóticas que caracterizam, no geral, os recipientes cepilhados de todas as subfases de ocupação.

Na Idade do Ferro (fase III-1), de 600/500 a 300/200 AC, damos conta da presença de dois tipos de pente (1 e 2 – Pinto: 2012, vol. 2, 66) que vão perdurar até ao final da ocupação, a par do tipo de pente 3, já identificado na ocupação anterior. Os tipos de pente 1 e 2 foram identificados, igualmente, em povoados da Idade do Ferro da Meseta Espanhola, nomeadamente “Los Castillejos de Sanchorreja” tendo sido designados de penteados duros e suaves, respetivamente (González-Tablas Sastre & Domínguez Calvo: 2002, 121). Para González-Tablas Sastre e Domínguez Calvo (2002, 121), os penteados constituem-se como duros, quando riscam em profundidade a superfície do recipiente, e suaves, quando criam sulcos quase indeléveis na superfície do recipiente.

A variabilidade dos pentes presentes no Crasto de Palheiros, sobretudo na fase III-2, levou a que não optássemos por uma subdivisão tão categórica (entre penteados duros e suaves) no entanto, genericamente, o pente 1 corresponde ao penteado duro (fig. 8, n.º 4), pois as pontas são afiadas e cortam a pasta e o pente 2 (fig. 6, n.º 5) corresponde ao penteado suave pois as pontas do

pente são arredondadas e criam sulcos suaves. Os restantes tipos de pente apresentam penteados duros e suaves como veremos mais à frente.

Os pentes de tipo 1 criam penteados de aspeto descuidado e caótico, alguns confundem-se facilmente com os modelos calcolíticos, ainda que estes revelem maior uniformidade no desenho. A semelhança com os modelos calcolíticos, ocorre quer no tipo de penteado quer no tipo de pasta (fig. 6, n.º 10), pois a maioria dos recipientes penteados da Idade do Ferro apresentam pastas I, seguidas da pasta III e IV (Pinto: 2012 e fig. 6, n.º 16). Deste modo, é evidente uma similitude com os modelos calcolíticos que relacionamos com uma tradição de manufatura que provém da Pré-História local. Podemos ver alguns exemplos destes penteados na figura 6 (n.º 3, 4, 7, 8, 10, 16, 17, 22 e 24). Destacamos os exemplares 7, 8 e 22 (fig. 6) pois revelam bandas longitudinais paralelas ao bordo, contínuas ou onduladas que remetem, igualmente, para uma tradição estética pré-histórica. É de notar o exemplar 22 (fig. 6) proveniente da Plataforma Inferior Norte que revela claramente a cadeia operatória de alguns dos penteados ondulados da Idade do Ferro. Neste fragmento (bem como no n.º 25, fig. 6) podemos observar como é desenhado este tipo de linha ondulada. Podemos perceber que não ocorre um movimento fluído da mão, o penteado apresenta quebras na curvatura que se inicia e termina em pontos de flexão específicos. Esta técnica, encontra-se especificamente na Idade do Ferro, revelando um controlo absoluto da banda ondulada que pode ser menos larga (fig. 6, n.º 22) ou mais larga (fig. 6, n.º 25).

Contrariamente aos penteados “tradicionais” surge, na Idade do Ferro, um tipo de penteado realizado com os *pentos de tipo 2* que cria penteados singelos, cuidados e uniformizados. Estes revelam um cuidado particular na realização do penteado destacando-se, claramente, dos penteados calcolíticos. É visível uma necessidade cultural, durante a Idade do Ferro, de algum afastamento da estética pré-histórica que se revela no surgimento deste tipo de penteados.

Na fase III-1 encontramos no Talude Exterior Leste (fig. 6, n.º 2) e na Plataforma Inferior Norte (fig. 6, n.º 5) bons exemplares do tipo de *pente 2* realizados em recipientes de pasta I. O exemplar da área norte revela um cuidado extraordinário, quer na pasta do recipiente, quer no tipo de pente bem como na organização decorativa. Aqui, observamos uma organização decorativa complexa que incluiu um motivo decorativo a par das bandas penteadas (circulo concavo) e que remete para a complexidade dos recipientes penteados da Meseta presentes, por exemplo, na necrópole de Las Ruedas em Valladolid (Sanz Mínguez: 1998).

Na fase III-2, destaca-se a utilização da técnica em recipientes de fundo plano (fig. 6, n.º 6), a conjugação da técnica com uma geometrização das organizações decorativas (fig. 6, n.º 11) e a utilização da técnica quer em pastas depuradas – pasta I (fig. 6, n.º 6, 11, 12 e 19), muito depuradas – pasta II (fig. 6, n.º 20) e mais raramente, em pastas de cariz pré-histórico/ calcolítico – pasta X (fig. 6, n.º 9). É de salientar o uso do penteado em recipientes de fundo plano perdurando até ao final da ocupação (fig. 6, n.º 23 e 24) com bandas perpendiculares (fig. 6, n.º 6 e 23) ou oblíquas ao fundo /bordo (fig. 6, n.º 24).

É também na fase III-2 que ocorrem todos os outros tipos de pente, à exceção do tipo 8 conotado com a ocupação calcolítica (Pinto: 2012, vol.2, pp.67). Como já referimos, o pente 3 encontra-se relacionado, na generalidade, com os recipientes cepilhados contudo alguns fragmentos penteados/cepilhados possuem bandas de penteado muito irregular, quer na largura, quer na profundidade do sulco, revelando pontas de pente com variação no comprimento e espessura semelhantes aos pentes 3 específicos do cepilhado. É exemplo, deste tipo de pente o fragmento 21 (fig.6) de um recipiente de pasta III, com uma decoração de bandas onduladas paralelas ao bordo, realizadas com um pente 3 de 4 puas, presente na Plataforma Inferior Norte. A diferença entre um pente de tipo 1

e um pente de tipo 3, é que este é um “tufo” irregular de pequenas hastes assemelhando-se a uma vassoura, e o pente de tipo 1 é mais aproximado à forma de pente em que as puas se encontram colocadas paralelamente tendo o mesmo comprimento e a mesma forma nas pontas. Por sua vez, o pente 4 (fig. 6, n.º 18) desenha uma banda penteada de sulcos irregulares e largos, de profundidade variável. As pontas do pente, encontram-se muito espaçadas e irregulares tanto na espessura como no comprimento. Existem 3 fragmentos que revelam a utilização deste tipo de pente com 5, 6 e 7 puas, os dois primeiros de contextos pouco seguros para a caracterização da Idade do Ferro e o último encontrado na Plataforma Inferior Norte (fig. 6, n.º 7), de um recipiente de pasta I.

Podemos afirmar que os pentes de tipo 1, 3, 4, 5 e 7 são, provavelmente, construídos no mesmo material, ou seja, são tufos vegetais amarrados uns aos outros e a variação ocorre consoante a grossura dos tufos e a forma como estão ordenados. Os pentes 1 e 7 (Pinto: 2012, vol. 2, pp. 67) são os mais cuidados, com fios vegetais mais finos e ordenados. O pente 7 identifica-se facilmente, pois as puas encontram-se muito juntas e criam um sulco muito singular (fig. 6, n.º 14). O pente 3 é um tufo de muitos fios vegetais, de espessura fina, produzindo os cepilhados. Os pentes 4 e 5 (Pinto: 2012, vol. 2, pp. 67) são tufos de fios vegetais mais espessos, de espaçamento irregular entre eles, mas cuja a amarração é semelhante à dos pentes 1 e 7.

Podemos também perceber que os pentes 2 e 6 são muito semelhantes entre si, são provavelmente construídos em madeira ou osso, pois as suas pontas são muito regulares e de perfil em “U”. O pente 6 (fig. 6, n.º 15) é mais irregular que os exemplares de pente 2, no entanto, estes dois pentes agrupam-se num mesmo conjunto.

Por último, o pente 9 devido às suas características peculiares não se agrupa facilmente com os outros. Neste caso, o pente 9 (fig. 6, n.º 13) apresenta, em semelhança aos pentes 1 e 3, puas de pontas estreitas, pontiagudas que rasgam a superfície do recipiente de forma marcante. Contudo as duas puas exteriores são mais compridas do que as interiores, provocando sulcos de profundidade diferentes. O penteado provocado por este pente, é muito singular porque as linhas externas que limitam a banda penteada são mais profundas que as interiores. Este desenho de uma banda que é delimitada por sulcos mais profundos, que aqueles que se encontram no interior, é algo que ocorre também nas bandas desenhadas por incisão. A forma de esboçar a decoração começa por se delimitar o desenho com um sulco relativamente profundo e posteriormente preenche-se esse com incisões ou penteados de sulcos menos profundos. Esta forma execução remete-nos às decorações do Bronze Final como podemos observar na fig. 2, n.º 12, onde os triângulos são preenchidos por um leve cepilhado, sendo delimitados com um instrumento de incisão que produz um traço “mais forte”. Este tipo de desenho permanece até ao final a ocupação da Idade do Ferro e podemos observá-lo na conjugação de linha incisa com penteado no interior (fig. 4, n.º 3), nas linhas incisivas de perfil em “U” conjugadas com pente de tipo 2 (fig. 6, n.º 11) e na linha incisa seguido de penteado (fig. 5, n.º 9). A conjugação de diferentes técnicas terá o seu expoente máximo nos recipientes estampilhados que podem combinar a utilização até 6 instrumentos diferentes (fig. 7, n.º 8).

Em relação aos penteados presentes na fase III-3 apontamos a presença dos pentes de tipo 1 (fig. 6, n.º 24 e 25) e 2 (fig. 6, n.º 23 e 26) que são os mais presentes em todas as fases de ocupação. Há uma retração em relação à fase III-2 na variedade de pentes presentes contudo há uma continuidade dos pentes mais relevantes (pentos 1 e 2) e de organizações decorativas semelhantes às das fases de ocupação anteriores (bandas de penteados paralelas ao bordo/fundo ou bandas perpendiculares ao fundo).

Por último, podemos observar bandas penteadas muito cuidadas (fig. 7, n.º 9) que se conjugam com estampilhas específicas da Idade do Ferro, (i. e. círculos concêntricos), bem como impres-

sões da ponta do pente conjugadas ou não com outros carimbos de impressão (fig. 7, n.º 12). Esta utilização do pente é visualmente subalternizada perante a decoração estampilhada (de círculos concêntricos) pois esta evidencia-se devido à sua importância cronológica, como fóssil-diretor. Contudo, as impressões da ponta do pente extravasam a região Transmontana, encontrando-se nos castros galegos do Minho e Rias Baixas, durante a 2.ª Idade do Ferro (Rey Castiñeira: 2014, 299 – fig. 8 11). Aqui “sobrevive” a impressão da ponta do pente mas não toda a técnica do penteado. Não deixa de ser interessante como as bandas de penteado evoluem tornando-se numa técnica muito bem executada (algumas vezes a torno) fazendo corpo com outros elementos decorativos inovadores. A par de recipientes penteados que remetem para uma tradição decorativa pré-histórica, surgem recipientes decorados que utilizam o penteado conjugado com elementos inovadores próprios da Idade do Ferro.

3.6. Decoração Estampilhada

As decorações estampilhadas denominadas de organização decorativa XXXIV (Pinto: 2012) ocorrem, no Crasto de Palheiros, desde o séc. VI/V AC com maior predominância na área leste do povoado.

Algumas características norteiam a imagética das decorações estampilhadas do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros em todas as fases de ocupação.

Primeiramente, observamos uma relação entre os recipientes de perfil em “S” e a decoração estampilhada, ou seja, no Crasto de Palheiros as decorações estampilhadas ocorrem em recipientes de perfil em “S”. Esta hipótese interpretativa deriva dos seguintes fatores: *i*) todos os fragmentos cerâmicos que permitiram a reconstituição do recipiente revelam formas de perfil em “S”; *ii*) o conjunto cerâmico da Idade do Ferro integra formas simples – globulares e troncocónicas – que surgem associadas a outras decorações (Pinto: 2012; tabela de formas), nomeadamente padrões incisos e *iii*) muitas decorações estampilhadas, ocorrem na linha colo/pança e na zona inferior do recipiente, logo exigem uma demarcação formal entre o colo e a pança e a presença inequívoca destes elementos.

De seguida, o motivo mais recorrente e facilmente identificável é o círculo concêntrico, que apresenta um número variável de círculos (2 a 4). Este motivo ocorre em todas as fases de ocupação e encontra-se tanto isolado como conjugado com outros, ou seja, o/os círculo/s concêntrico/s podem ocorrer na pança espalhados (Pinto: 2012) ou agrupados mas sem outros motivos (fig. 7, n.º 13) ou ocorrerem combinados com outros motivos (fig.7, todos os fragmentos à exceção do 9, 13, 15 e 16). Na combinação com outros elementos são evidentes, as linhas incisas ou penteadas paralelas ao bordo que demarcam a linha colo/pança bem como a impressão, sob diversas formas, da ponta de pentes de várias puas (fig. 7, n.º 8 e 11). A impressão da ponta do pente (fig. 7, n.º 8, 11, 12 e 15) ou a utilização do pente para penteados (fig. 7, n.º 8, 9, 11 e 14) em conjugação com outras estampilhas, no caso círculos concêntricos, parece-nos algo muito específico do conjunto cerâmico da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros. Esta especificidade, em parte, deve-se à ausência de paralelos na região, contudo avançamos algumas hipóteses interpretativas.

Em primeiro lugar, cremos que a impressão da ponta de pente é compreendida dentro do conjunto de estampilhas da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros. Aqui a impressão da ponta do pente ocorre, na fase III-1, associada a círculos concêntricos, triângulos e ondulações (fig.7, n.º1), na fase III-2, associada a faixas penteadas, linhas incisas e círculos concêntricos (fig. 7, n.º 8, 11 e 12) e na fase III-3, a linhas incisas (fig. 7, n.º 15). A impressão da ponta do pente, surge sempre combinada

com outros motivos⁵ e por isso é integrado dentro da organização decorativa das estampilhadas (Pinto: 2012). É de realçar que noutras regiões, como Valladolid – Olivares del Duero (Seco: 1993; 216) a decoração penteada ocorre combinada com a impressão da ponta do pente. No Crasto de Palheiros tal não foi identificado e por isso a organização decorativa dos “penteados” (organização decorativa X – Pinto: 2012) não inclui qualquer tipo de impressão. É evidente que a impressão da ponta do pente tem origem no pente em si e por isso relaciona-se com as populações da Idade do Ferro da Meseta Norte Central onde os recipientes penteados combinam faixas e impressões. Contudo, parece-nos que as populações da Idade do Ferro do nordeste de Portugal, onde incluímos o Crasto de Palheiros, descolam a impressão da ponta do pente da faixa penteada e integram-na no conjunto dos motivos de estampilha. Deste modo, a impressão da ponta do pente pode ser entendida, como um elemento que surge na corrente imagética dos penteados e que transita, transformando-se em algo novo, para a corrente imagética dos estampilhados. É certo que esta transição pode ser entendida como uma continuidade da tradição dos penteados dentro da corrente nova dos estampilhados, no entanto, na nossa opinião, os estampilhados são visualmente tão possantes que excluem, à partida, qualquer apropriação imagética. Concluimos que as correntes imagéticas dos penteados e estampilhados são autoexcludentes.

A última característica geral das decorações estampilhadas, prende-se com o desenho particular das bandas paralelas ao bordo cujo interior é preenchido por traços oblíquos incisos (fig. 7, n.º 2 e 14) ou por impressões oblíquas de pontas de pente (fig. 7, n.º 8, 11, 12 e 15). O design da faixa que desenha uma espiga ou um ziguezague (quando integra 3 ou mais linhas), traçada a incisão, é comum na cultura castreja, encontrando-se na cidade de Âncora (Coelho:1986; est. XLVI, n.º 9), citânia de Sanfins (Coelho: 1986; est. LXVI) entre outros sítios (Coelho:1986; ver quadro decorativo). Assim, é patente uma relação com o litoral que se observa num certo ar de família, ainda que a ausência de certos motivos (i.e os “SS”, flores, triângulos e ondulados) ou suas conjugações não permita uma total identificação com os conjuntos do litoral.

Deste modo, observamos uma certa autonomia na imagética dos estampilhados da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros que provém do uso da impressão da ponta do pente em esquemas ou padrões decorativos próprios dos recipientes estampilhados. Não consideramos que se trate de uma novidade, nas organizações decorativas as faixas paralelas ao bordo que ocupam a pança do recipiente a partir da linha colo /pança e que apresentam sucessão vertical (fig. 7, n.º 1 e 2) ou padrão metopado de sucessão horizontal após uma linha de sucessão vertical (fig. 7, n.º 8, 11 e 14), são relativamente usuais nas cerâmicas do litoral. Contudo a conjugação destes padrões com a impressão da ponta do pente e a utilização recorrente de círculos concêntricos, confere alguma unidade e quiçá novidade à imagética dos estampilhados aqui presentes.

Por último, a observação dos recipientes estampilhados presentes em cada fase de ocupação é marcada pela monotonia e continuidade, ou seja, não observamos ruturas na imagética dos recipientes estampilhados. Desde a fase III-1, ocorrem recipientes realizados nas pastas I; II, VI e VIII com predominância nas pastas I e II mais depuradas e passíveis de serem utilizadas num torno. As pastas VI e VIII relacionam-se com a inovação técnica ao nível das pastas, na Idade do Ferro, no entanto a maioria dos recipientes são realizados em pasta I, mais tradicional (Sanches & Pinto:2018).

⁵ A impressão isolada da ponta do pente surge como uma faixa, num nível calcolítico na plataforma inferior norte (Pinto: 2012; vol 2, estampa XXX, n.º 4)

4. CONCLUSÕES

“É como se estivesse a contar a história do Capuchinho sem ter a certeza se o lobo era grande ou pequeno, se tinha pelo cinzento ou branco, se a menina era encantadoramente ingénua ou estupidamente teimosa e se a avozinha já tinha desistido de viver ou se foi apenas apanhada desprevenida. No fundo, olho o espelho da Bruxa Mã e pergunto: Espelho meu, espelho meu, o que vejo eu? – e espero que ele responda que me vejo como deveria... o olho direito à direita.”⁶

Outubro de 2011

Traçar uma visão integradora do conjunto cerâmico da Idade do Ferro Transmontana, tendo como base o conjunto do Crasto de Palheiros, não se configura como uma tarefa fácil. Contudo, acreditamos na premência de uma visão que integre hipóteses interpretativas mesmo reconhecendo a falibilidade das mesmas. Novos dados trarão com certeza novas oportunidades de interpretação, até lá cuidamos que a nossa visão permita um melhor entendimento da região.

Tal como anteriormente exposto, o conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros na Idade do Ferro revela três grandes correntes imagéticas ao nível da decoração dos recipientes. Uma, enraizada na Pré-história local terá um desenvolvimento particular em cada região e em cada comunidade (Douro Litoral, Nordeste Transmontano, Beira Interior, etc) . Usa temas recorrentes quer do Calcolítico, quer da Idade do Bronze, abrangendo técnicas específicas (incisão, cepilhado e decoração plástica) e temas particulares – bandas paralelas ao bordo, de linhas, reticulados, triângulos entre outros; cordões (fig. 8, n.º 9), mamilos (fig. 3, n.º 4) e grafitados e bem como outras decorações no colo dos recipientes.

Outra, fixada numa tradição local particular do norte e centro peninsular tendo como técnica específica, o penteado (fig. 8, n.º 4 e 7). Aqui, encontramos uma tradição que embora arreigada no passado mais ou menos remoto (Calcolítico ou Idade do Bronze, dependendo dos investigadores), tem como área de influência a meseta norte / central peninsular, abrangendo a região Transmontana.

Por último, encontramos as cerâmicas estampilhadas, uma corrente que abrange o Norte Litoral Português, bem como outras regiões europeias e portuguesas (Gamito: 1996) e que apresenta características particulares em cada região constituindo-se sempre como uma inovação da Idade do Ferro.

Apesar da presença destas correntes, os recipientes cerâmicos caracterizam-se por uma carência de padrões comportamentais fixos, ou seja, as decorações, ainda que seguindo determinada corrente imagética, não se repetem. A ausência de repetição de decorações mais complexas – pois as linhas incisivas paralelas ao bordo são sempre uma constante – conduz a variedade e indica, porventura, que a produção não possui diretrizes fixas. Significa que, apesar das fortes tradições locais que integram recipientes incisos, cepilhados, penteados e com decoração plástica e de inovações que surgem como as estampilhadas, o conjunto cerâmico revela, sobretudo, pouca uniformidade decorativa, dispersão e aleatoriedade.

A observação de todos os recipientes decorados de determinada fase (independentemente de qual seja) revela que estes não seguem um mesmo padrão decorativo, mas sim as várias vias de tradição estilística. A integração de várias correntes estilísticas nas comunidades da Idade do Ferro não é incomum. No Castro de Montealegre – Pontevedra ocorrem a par cerâmicas de tradição local

⁶ Pinto: 2012, vol. 1. Introdução ao capítulo 8.

(denominadas de indígenas), cerâmicas de importação púnicas, cerâmicas pintadas e de tipo Vigo (Aboal Fernández & Castro Hierro: 2006): Na Meseta, em Valladolid, ocorrem cerâmicas penteadas, cerâmicas pintadas entre outras (Sanz Mínguez: 1998) em grupos bastante estanques.

No Crasto de Palheiros, os recipientes integrados em cada corrente imagética não possuem um “ar de família” tão manifesto como os recipientes integrados em correntes estilísticas das outras comunidades da Idade do Ferro quer do Litoral quer da Meseta. Aqui, como já referimos, as decorações não se repetem e por isso a corrente imagética configura-se como uma influência, uma inspiração e não uma regra a ser cumprida. A liberdade, a simplicidade, a diversidade, fazem parte da imagética decorativa do conjunto cerâmico da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros.

Curiosamente, os adornos metálicos da Idade do Ferro de Trás-os-Montes e conseqüentemente do Crasto de Palheiros, possuem uma forte identidade que os distingue dos de outras regiões (Pinto: 2008). O conjunto cerâmico permanece simples, a singeleza e casualidade das decorações são, talvez, a sua característica mais profunda.

Ainda assim, no silêncio desta cultura material tão particular da Idade do Ferro, os recipientes de perfil em “S” que se integram na corrente de tradição local originária na Idade do Bronze revelam decorações no colo – linhas espatuladas, triângulos incisos e cepilhados entre outros – que remetem para o pescoço humano, quem sabe tatuado, num antropomorfismo das formas cerâmicas, contentores de vida e para a vida.

Por sua vez, os recipientes de perfil em “S” que se integram na corrente imagética de inovação onde as estampilhadas detêm um lugar central, revelam decorações na linha colo/pança e pança, remetendo novamente para o corpo humano, desta vez adornado por colares, cintos e brincos metálicos que se destacam do corpo / contentor. Não podemos esquecer que muitos motivos estampilhados ocorrem em recipientes cerâmicos e adornos metálicos cuja impressão é sempre uma adição, tal como quando colocamos um colar em nós próprios.

Por último, os recipientes penteados quer globulares quer de fundo reto, revelam padrões de bandas onduladas cuja fluidez sobressai, tornando-se a sua principal característica. Remete para o seu passado, cujas narrativas não conhecemos, mas que vemos desenhadas nos recipientes cerâmicos ao longo de gerações.

BIBLIOGRAFIA

- ABOAL FERNÁNDEZ, Roberto & CASTRO HIERRO, Virginia (2006), *O castro de Montealegre, Moaña, Pontevedra*. A Coruña: Editorial Toxosoutos, serie Keltia.
- ALMEIDA, C. A. B., ALMEIDA, P. B., & FERNANDES, F. (2008), Povoado do Bronze Final da Cimalha: relatório da interpretação arqueológica. *Felgueiras: Câmara Municipal*.
- ÁLVAREZ SANCHÍS, J. (2010), La cerámica con decoración a peine: de “fósil guía” a indicador de etnicidad. En C. Sanz y F. Romero, (eds.) *De la Región Vaccea a la Arqueología Vaccea*. Vaccea Monografías, 4, Universidad de Valladolid: 293-318, 201
- ARROYO, Angel (1986), *Los castros de la Edad del Hierro del Noroeste de Zamora*. Instituto de estudios zamoranos Florian de Ocampo, Diputación de Zamora.
- COELHO, A. (1986), A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. *Museo Arqueológico da Citania de Sanfins. Paços de Ferreira*.
- GAMITO, Teresa J. (1996), A cerâmica estampilhada. *De Ulisses a Viriato*. Lisboa: Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia, 112-117.

- GARCÍA ROLLÁN, M. (1971), Memoria de la excavación arqueológica de Castromao (Caeliobriga), *Archivo Español de Arqueología* 44 (123-124), 175-211.
- GONZÁLEZ-TABLAS SASTRE, E. J. & DOMÍNGUEZ CALVO, A. (2002), *Los Castillejos de Sanchorreja – Campañas de 1981, 1982 y 1985*. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca.
- OLIVEIRA JORGE, S. (1988), O povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze final do norte de Portugal. *Monografias arqueológicas*.
- PEÑA SANTOS, Antonio (1987-88), Excavaciones en el castro de Torroso, *Pontevedra Arqueologica III*, Publicación del Grupo de Arqueología Alfredo García Alén.
- PINTO, Dulcineia B. (2008), Os artefactos metálicos da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros-Murça, Norte de Portugal. Breve introdução à gramática decorativa dos adornos metálicos do Nordeste de Portugal. *Douro, Vinho, história e património*, 289-332.
- PINTO, Dulcineia B. (2012), *O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro. Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica* (Tese de doutoramento). Repositório científico da UC: <http://hdl.handle.net/10316/19994>
- REY CASTIÑEIRA J. (2014), A olaria castreja de tradição Minho. In Rui Morais, A. Fernández e M. J. Sousa (ed). *As produções cerâmicas de imitação na Hispania*, pp. 289-302. Faculdade de Letras.
- SANCHES, M. J. (2008), O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto, Murça–Portugal). *Braga: Município de Murça*.
- SANCHES, M. J. (2016), Animal bones, seeds and fruits recovered from Crasto de Palheiros. A contribution to the study of diet and commensality in the recent Pre-History and Iron Age of Northern Portugal”. *To feed the body, to nourish the soul, to create sociability. Food and commensality in pre and protohistoric societies. CEPBA&IAFLUC&Palimpsesto*, 79-119.
- SANCHES, M. J. & PINTO, Dulcineia (2018), Crasto de Palheiros. Noura e Palheiros, Murça, Portugal, Poster em “Cultura Castreja”: identidade e transições.
- SANZ MÍNGUEZ, Carlos (1998), *Los Vacceos: cultura y ritos funerarios de un pueblo prerromano del valle medio del Duero: La necrópolis de Las Ruedas – Padilla de Duero (Valladolid)*. Salamanca, Junta de Castilla Y León, Consejería de Educación y Cultura.
- SECO, M. y TRECEÑO, F.J. (1993), “La temprana iberización de las tierras del sur del Duero a través de la secuencia de La Mota, Medina del Campo (Valladolid)”. En F. Romero, C. Sanz y Z. Escudero (eds.), *Arqueología Vaccea. Estudios sobre el mundo prerromano en la Cuenca media del Duero*. Valladolid: Junta de Castilla y León, pp. 133-171

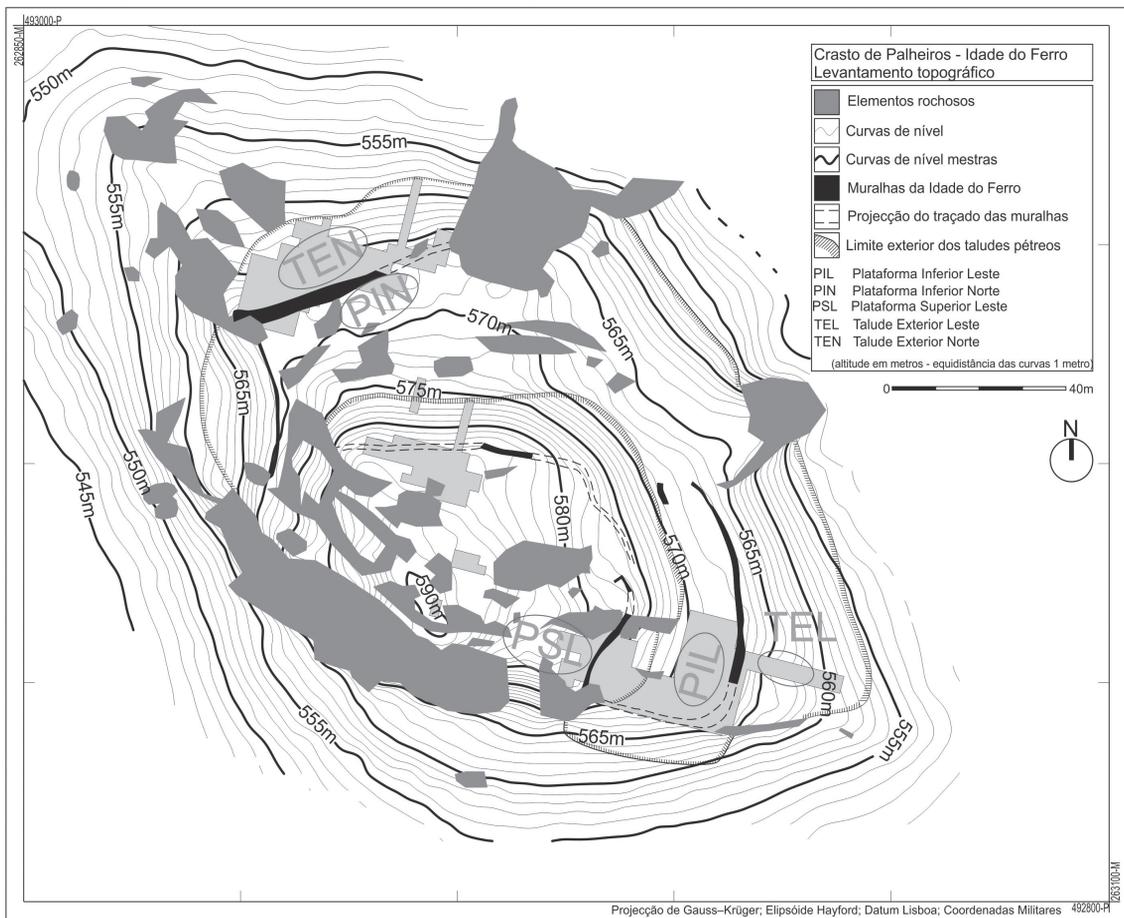
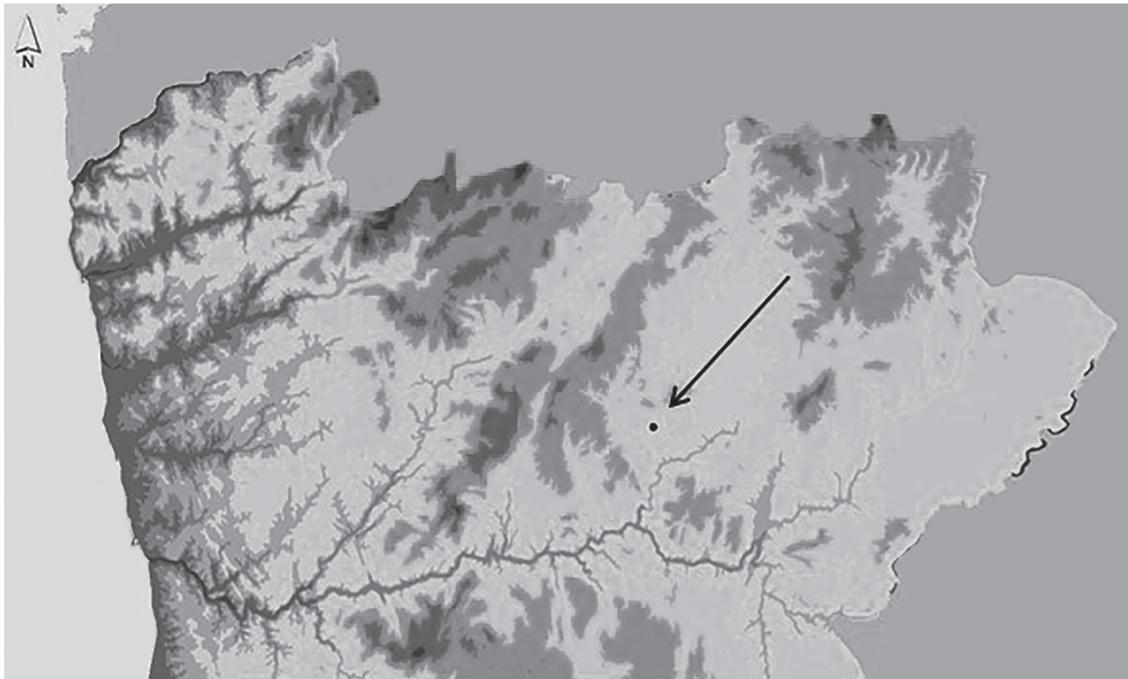


Fig. 1: 1: Localização do crasto de Palheiros no Norte de Portugal; 2: Planta topográfica do Crasto de Palheiros com a localização das áreas de escavação.

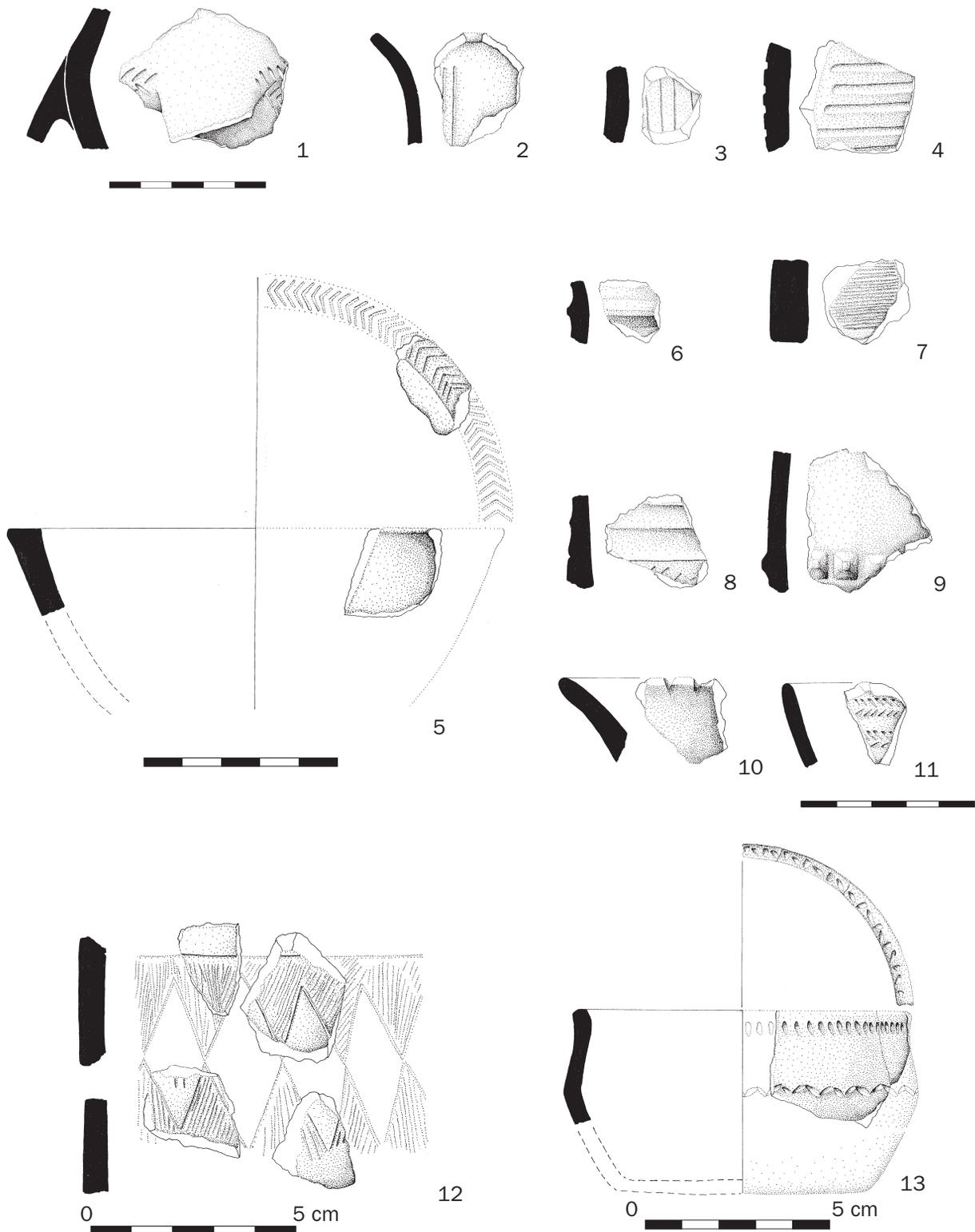


Fig. 2: Fragmentos cerâmicos decorados integrados na fase II, na área norte: Plataforma Inferior Norte – 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 13 e Talude Exterior Norte – 9, 10, 11, 12 e na área leste: Plataforma Inferior Leste – 2.

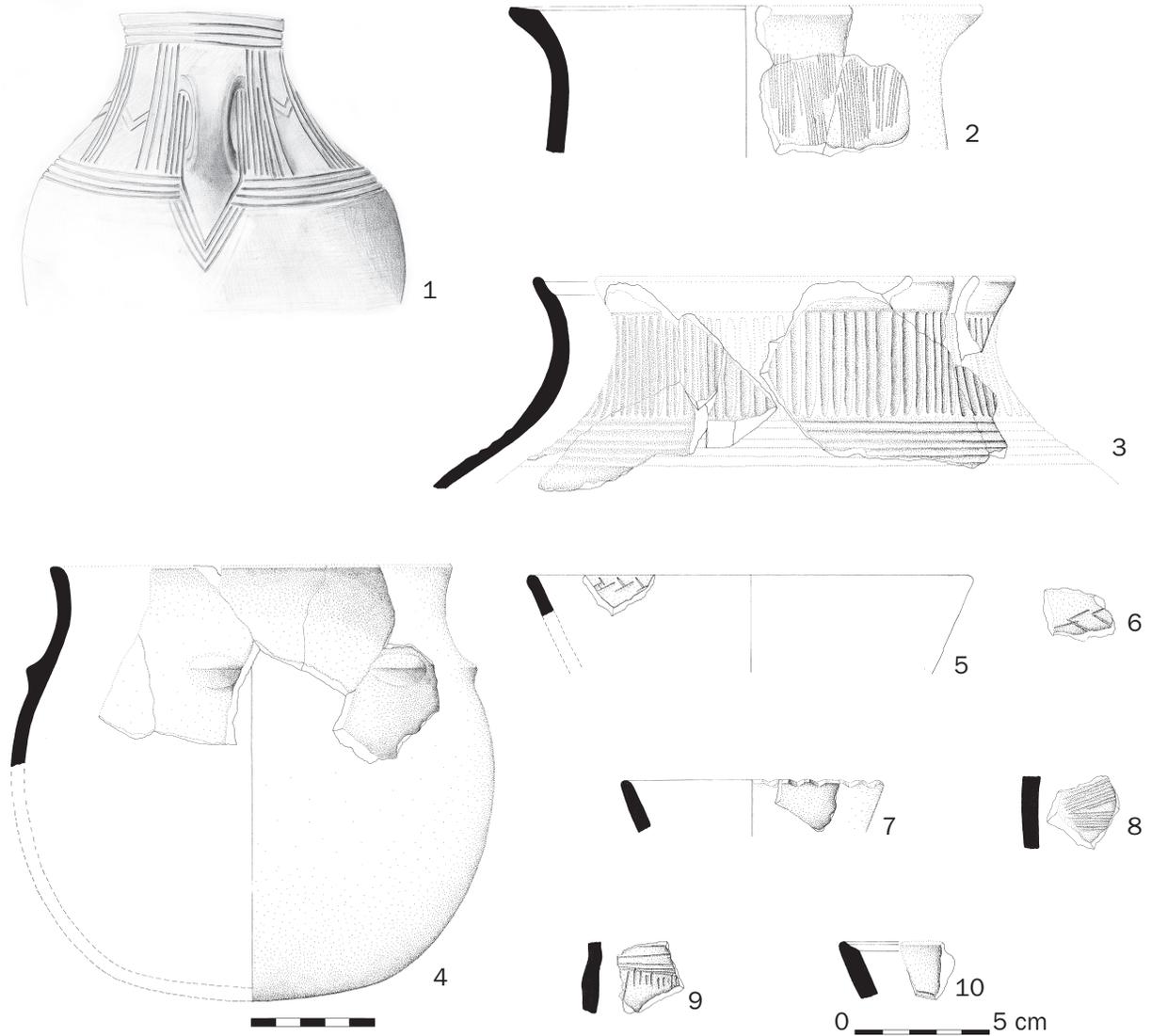


Fig. 3: Fragmentos cerâmicos decorados provenientes de contextos da Idade do Ferro (fase III-1) – do séc. VI ao III AC – no talude Exterior Leste (1, 2, 3, 4 e 5) e na Plataforma Inferior Norte (6, 7, 8, 9 e 10).

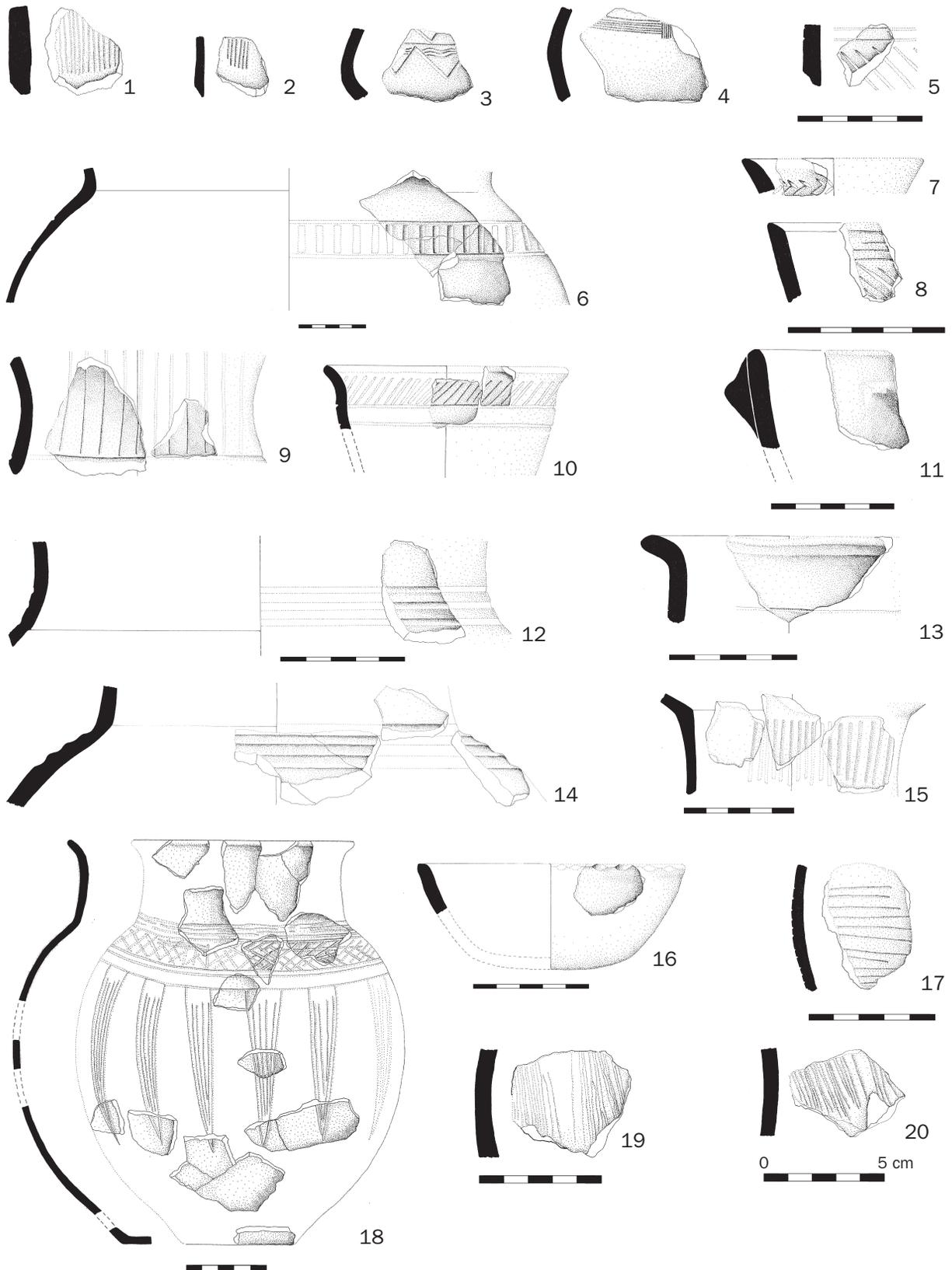


Fig. 4: Fragmentos cerâmicos decorados provenientes de contextos da Idade do Ferro (fase III-2) – do séc. III/II AC a 80 DC – da Plataforma Superior Leste (1 a 5), da Plataforma Inferior Norte (6 a 13, 16 e 17), Talude Exterior Leste (14 e 15) e Plataforma Inferior Leste (18 a 20).

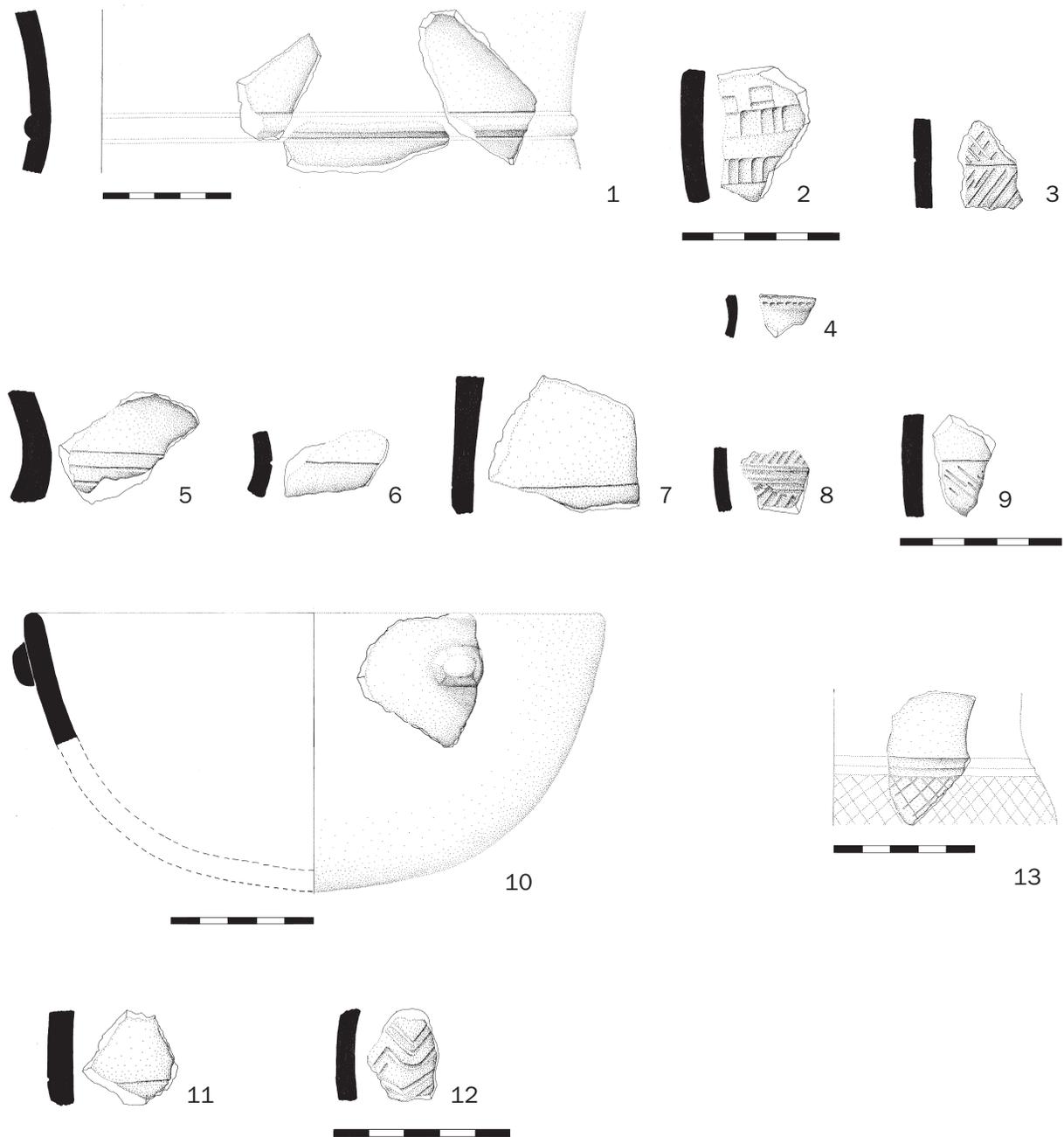
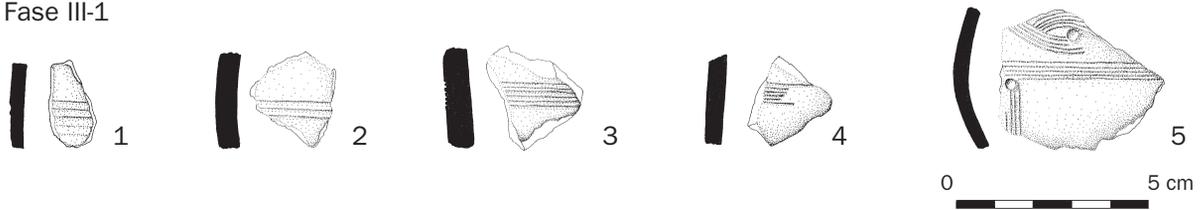
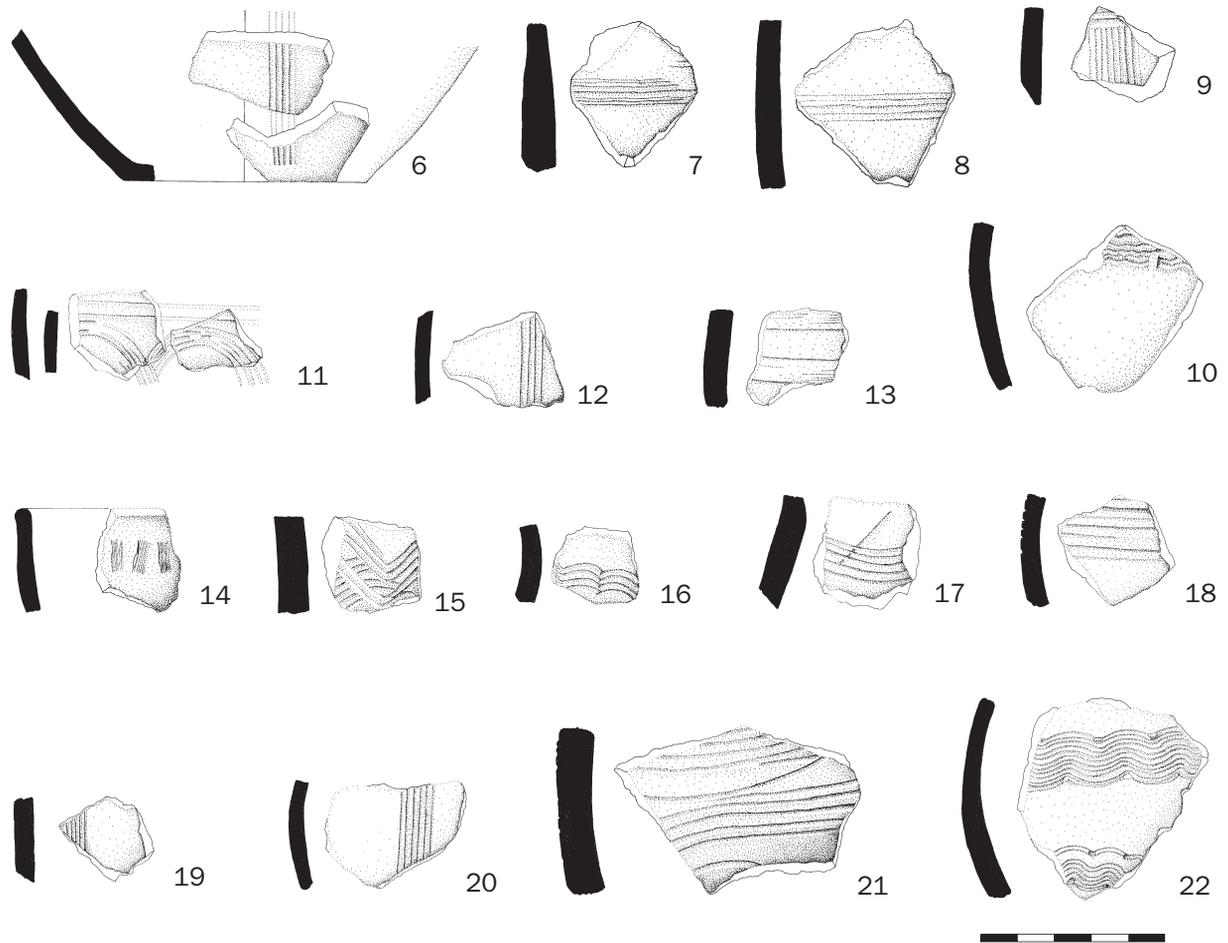


Fig. 5: Fragmentos cerâmicos decorados provenientes de contextos da Idade do Ferro (fase III-3) – de 80 a c. 130 DC – da área norte (1 a 9 e 12), Plataforma Inferior Leste (10 e 13) e Talude Exterior Leste (11).

Fase III-1



Fase III-2



Fase III-3

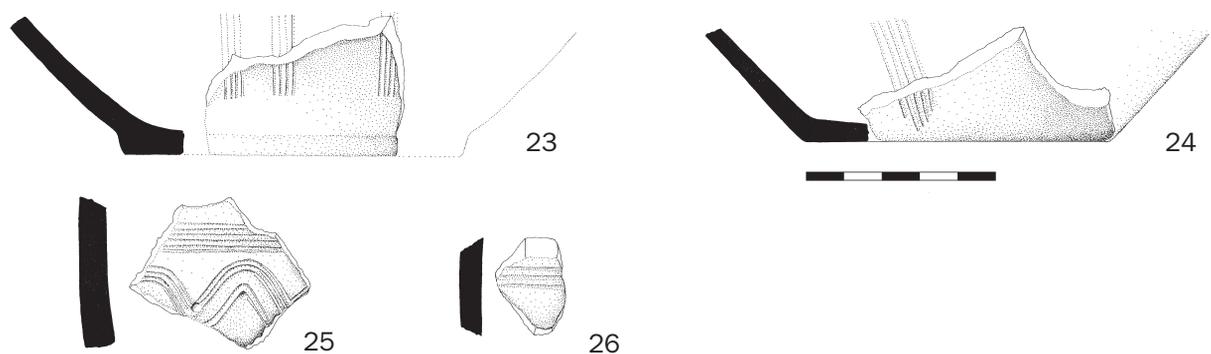
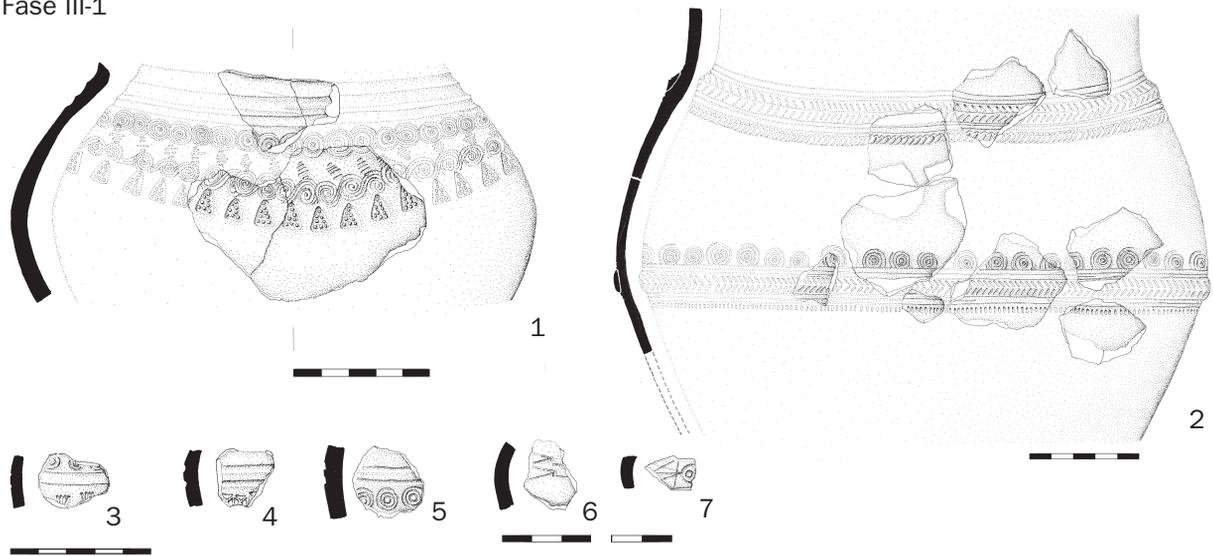
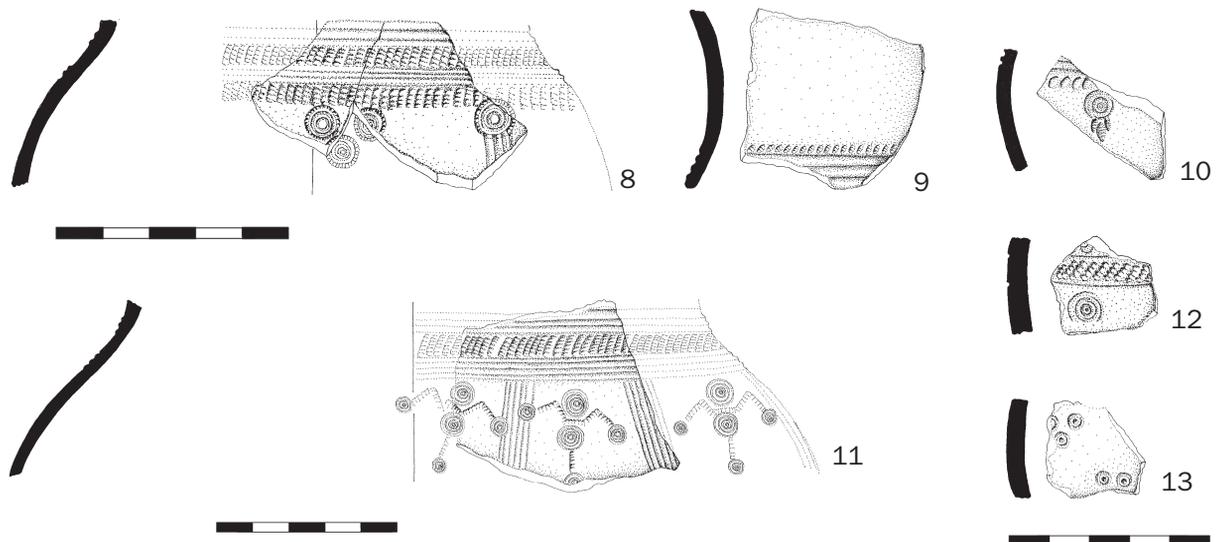


Fig. 6: Fragmentos cerâmicos de decoração penteada (organização decorativa X) provenientes de contextos de todas as fases da Idade do Ferro (III-1, III-2 e III-3).

Fase III-1



Fase III-2



Fase III-3

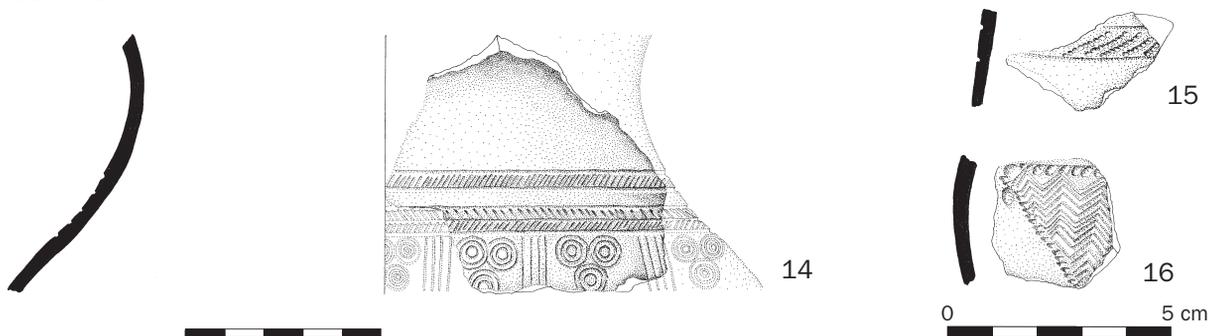


Fig. 7: Fragmentos decorados estampilhados integrados na organização decorativa XXXIV (Pinto: 2012) das seguintes áreas: Plataforma Inferior Leste (1, 2, 3, 4, 9, 12), Talude Exterior Leste (5, 6, 7, 8, 11, 13) e Plataforma Inferior Norte (10, 14, 15).



Fig. 8: Fragmentos decorados das várias fases. 1: TEL, fase III-1; 2: PIN, fase II; 3: TEN, fase II; 4: TEN-V1 fase III-1; 5: TEL; fase III-1; 6: TEL; fase III-1; 7: TEN-V1; fase III-1; 8: PIN, fase III-3; 9: PIL; fase III-2